

Continuaremos a tolerar os trespasses?

Só há uma maneira de atenuar o problema da habitação: é a construção intensiva de novos prédios. Podem aparecer leis excelentes — que não aparecem porque os políticos não as querem fazer — que assegurem aos inquilinos todos os direitos a que têm jus, envolvidos nas mais sólidas garantias legais, que o problema nem por isso deixa de assumir as características até aqui assinaladas. Fazem-se leis — mas na prática elas são calçadas, demonstrando-se que em muitas questões havidas entre senhorios e inquilinos tem razão quem tem dinheiro, e na maioria de casos é o senhorio quem tem dinheiro e o inquilino fica na situação de vencido, sendo expulso da casa que lhe pertence.

Mas, os capitais retraem-se. Raros são os que querem aplicar o dinheiro em propriedades, preferindo antes empregá-lo em especulações vergonhosas que, por o serem, dão rapidamente lucros seguros e fabulosos. Há milhares de pessoas, por exemplo, que dizem sem temor de exagero, dezenas de milhares que não tem casas para habitar, vivendo sob a acção dum exploração nefasta. E é desta falta de casas que advém todas as sofismasções de leis. É sabido que quando a possibilidade de aquisição excede, e em muito, a possibilidade de venda, a especulação nasce logo e desenfreada, mesmo à margem dos códigos.

Vamos hoje citar um caso comprovativo do que afirmamos. A lei do inquilinato proíbe expressamente ao senhorio ou a outra qualquer entidade que receba dum inquilino qualquer quantia além da que cobra pelo aluguer da casa. E diz ela, de forma bem explícita que nenhum senhorio possa exigir qualquer importância além da renda, seja qual for o pretexto invocado.

No entanto, os senhorios estão actualmente exigindo trespasses e trespasses elevadíssimos pelas casas que alugam. E' frequente ler-se nos jornais anúncios desta natureza: «casa, aluga-se, 5 divisões. Renda 200 escudos, trespasses 10 contos». Antigamente, os trespasses faziam-se, mas à sucapa. Havia o receio da lei e a coacção exercia-se sobre o inquilino sem deixar vestígios. Passava-se o recibo da renda da casa, mas nenhum senhorio ousava escrever, mesmo num vulgar pedacinho de papel sem valor legal para efeito de reconhecimento, a declaração da importância recebida como trespasses.

Mas a lei tornou-se inofensiva. E como sob a sua alçada nunca cafiu nenhum senhorio, os trespasses passaram a fazer-se às claras, como se constituíssem uma indústria legal. E hoje até os jornais, como acima dissemos, publicam anúncios em que eles são exigidos. De entre os jornais que a isso se prestam merece destacar-se o *Diário de Notícias* que não tem pejo em publicar na sua página de anúncios as maiores escroquerias e infâmias.

Or a lei do inquilinato não proíbe platicamente os trespasses ou outra extorsão que se lhe assemelhe. Aplica, ou antes manda aplicar, a quem assim procede uma sanção severa. Senhorio ou inquilino que exija trespasses terá de cumprir um ano de prisão correcional e de dar uma indemnização bastante superior à quantia que ilegalmente cobrou. Quantos senhorios foram parar à cadeia? Até hoje não nos consta que um senhorio tivesse sido ao menos processado por esse motivo. E não podem os homens que aplicam as leis alegar ignorância sobre esse assunto. Todos os dias o *Diário de Notícias* publica anúncios de casas em que, além da renda, se exige trespasses. E' escusado irmos atacar o *Diário de Notícias* acusando-o de cometer a imoralidade de auxiliar e proteger ladroes. Aquele jornal não se incomoda com isso, rindo-se cinicamente, pois confia na cegueira propositada do poder judicial e na inexgotável paciência e complacência dos seus numerosos leitores. Toda a espécie de chantagens se pode praticar desde que sejam pagas à linha. O *Diário de Notícias* o que quer é dinheiro, não se importando da fonte impudicíssima donde ele procede.

E aos que cumpre fazer cumprir as leis? Será tumanha a sua cegueira a ponto de não darem pelos anúncios do *Diário de Notícias*? Estarão esquecidos das sanções que a lei prescreve contra os que praticam a indústria ilegal dos trespasses?

UM ACTO DE BAIXA COMEDIA!

A "confissão" de Alves dos Reis ou a "sagacidade" dum "xefe"

Destroi-se um grosseiríssimo "bluff" e desfaz-se uma burla que torna o público possuidor de tesouros de ingenuidade.—De como "claramente se depreende" que tudo vai ficar no escuro...—As assinaturas são verdadeiramente falsas ou falsamente verdadeiras?

O caso do Angola e Metrópole está assumindo aspectos verdadeiramente burlescos. Dir-se-ia que toda a indignação que esse episódio produziu se estancou definitivamente e que todos aqueles que a princípio tomaram o partido de se indignar resolveram agora passar à mais franca hilaridade.

Realmente é de fincar os dedos no ventre e rir loucamente numa interminável série de gargalhadas pelo que tem de cómico, de irresistivelmente cómico o colossal bluff que tornou o xefe Xavier, por algumas horas, um rei de detectives, o maior e o mais fenomenal dos Sherlock Holmes, excedendo muito o popular herói imaginado pela fantasia de Conan Doyle. Xefe Xavier, segundo alguns jornais, conseguira, mercê da sua sagacidade inultrapassável, arrastar Alves dos Reis até à confissão completa de todo o plano urdido em volta do Angola e Metrópole e do aumento de circulação fiduciária de que é um dos maiores autores até hoje conhecidos pelo público, visto que a polícia ainda não ousou erguer os olhos para mais alto—para as esferas onde gravitam políticos sem escrúpulos e financeiros bem protegidos pelo seu dinheiro e pelo seu passado cheio de actos «honéstissimos»...

Nunca se levou tão longe a audácia de mistificar o público como neste bluff da sagacidade xavieresca—mas para honra do mesmo público devemos confessar que não houve nesta enorme e babilónica Lisboa dois centos de pessoas que acreditassem no maravilhoso feito policial. Foi de balde que alguns jornais atiraram, com profusão, sobre o crânio de xefe Xavier, adjectivos encomiásticos a baptisá-lo homem de génio para perpétua admiração das turbas estarecidas. Afinal xefe Xavier ficou com o crânio que tinha e à sua celebridade, à sua triste celebridade, veio juntar-se ao odioso de que primitivamente fôra formado, uma porção de inesquecível ridículo, deste ridículo que mata inexoravelmente, que mata mesmo quem pertence a uma corporação que tem a impunidade de deportar inocentes para a Guiné e de atirar o próximo para os frios tabuleiros da morgue.

Xefe Xavier — os jornais o disse — fervia, fervia em pulgas, em pulgas dos calabouços do governo civil, por interrogar Alves dos Reis. Estava convencido o Javert das alturas do governo civil de que fulminaria Alves dos Reis e lhe arrancaria a confissão completa do plano — dum plano que o público naturalmente nunca verá completamente desvendado, porque assim convém à reputada honestidade de pessoas que só exteriormente o têm sido...

Duvidamos da confissão de Alves dos Reis. Era inverosímil, tinha todo o ar dum farça que por mal ensaída degeneraria numa palhaçada irrisória que converteria o sumo Xavier num Little Walter, apeneirado e inferior. Concebia-se agora lá que um homem bastante inteligente como Alves dos Reis tivesse sucumbido perante a incontestável boçalidade dum xefe que alia a toda uma série de defeitos conhecidos do público, uma incultura que não lhe permite senão o interrogar lapónios recém-chegados do coração das serranias. Aquele frase do xefe para Alves dos Reis: «Não se sente. Eu sou um homem honrado e você é um ladrão» deixava adivinhar a falsidade de tudo aquilo. Xefe Xavier não se atrevera, mau grado sua reconhecida insensibilidade moral, a estabelecer uma tão grande distância entre ele e a pessoa que interrogava. Xefe Xavier só se pôde inculcar homem de bem — homem de bem, nos domínios do governo civil — quando se souber o motivo porque não foram conhecidas do público as conclusões da sindicância que a ele e a outros chefes de polícia foram movidas.

O truc de anunciar ao preso que sua esposa estava encerrada num calabouço onde havia ratos descomunais, capazes de comerem meninos pequeninos, só podia surtir efeito em meninos que não fossem dos mais crescidinhos, mas nunca ludibriariam um homem astuto e bem armado perante as maiores subtilidades.

Xefe Xavier soube reunir o útil ao agradável. E assim arrancou ao preso a confissão a todos os títulos preciosa, mas completamente falsa, de que os homens do Banco de Portugal sobre quem recaem gravíssimas suspeitas estavam ilibados de todas as culpas. O xefe queria tocar o coração sensível dos homens do Banco de Portugal, sabendo, por uma grande experiência que deve estar bem documentada na sindicância que lhe moveram em tempos, que isso se não corresponderia ao alêgrão dum vigésimo premiado na talada do Natal, daria uma aproximação propícia a uma fecunda alegria.

O bluff está desfeito: e o pano caiu sobre este acto de ridícula comédia perante risos de soberbo desprezo dum público que troçou do laço grosseiro que à sua incrudelidade tentaram armar.

A confissão de Alves dos Reis limitou-se por parte deste à seguinte declaração:

«Não prendam mais ninguém. Eu tomo a responsabilidade de tudo. Enviem-me para o tribunal, que lá me defenderei.»

Esta afirmação já fez Alves dos

Reis dezenas de vezes. E até hoje ainda nada mais disse de concreto.

Mas não vale preocupar-nos mais com o xefe Xavier, uma vez que ele não passa dum boneco de pim-pam-pum destinado a distrair o público. Este, porém, não se distrai com expedientes tão grosseiros. Nem ele nem nós...

Subiu o pano para um novo acto e este bem a sério. O sr. António Maria da Silva que desde que ocupa a chefia do Terreiro do Paço tem perdido longas horas, quase todos os dias, o dr. sr. Pinto de Magalhães no seu ministério conversou ontem longamente, segundo informações oficiais que recebemos, com o chefe Pereira dos Santos e varios agentes de investigação criminal acerca do caso do Angola e Metrópole. Este e outros indícios importantes deixam transparecer claramente que as investigações são ordenadas de alto, e imperativamente, pelo sr. António Maria da Silva. Ora este olimpico sucessor do omnipotente Afonso Costa na chefia do partido democratico e do país é o homem que tem alicerçado a sua carreira política em equívocos por ele cuidadosamente criados e em confusões por ele pacientemente elaboradas.

São tradicionais os seus discursos no parlamento, discursos diabolicamente emaranhados que terminam sempre com a sacramental tirada deste modo iniciada: «Como clara-

As acusações de um político italiano

O sr. Nitti, estadista expulso pelos fascistas, atribui as responsabilidades da actual crise europeia às oligarquias financeiras e imperialistas

Foi para interesse dos meus leitores que eu dei um mau passo. O homem que me fez sentir em sua frente, abriu a folha e, depois de lhe ler o título, abandonou-a negligentemente, com ar de desprezo.

—Outro que procura ter importância, dando-se com as pessoas de representação! Outro que cruza a via da perdição. Que escândalo!

Os leitores, talvez, supõem-me já envolvido numa rica pelica e sentado numa luxuosa poltrona, em um principesco salão, lado a lado com o inimigo, trocando sorrisos e salamaleques.

Tranquilizai-vos, porém, leitores amigos. Há nisto, apenas, uma maneira de dizer... Fui induzido a collocar, com um ex-ministro pela módica quantia de nove libras, preço do livro *A Paz* (ed. Piero Gobetti, via XX Settembre, 60, Turim), o último livro de Francisco Savério Nitti, que foi ministro do reino de Itália em 1919.

O valor real do livro de um político forjado ao exílio

Esclarecido o equívoco e readquiridas, como espero, as boas graças dos meus leitores, abordo francamente o assunto. Para alguma coisa serve a desgraça, dizem os franceses.

Savério Nitti escreveu já alguns livros sobre igual tema. Nesta matéria se especializou, sem dúvida, mas, em boa verdade, o nosso homem não mostra, agora, a menor esperança de se tornar ministro.

Expulso, primeiramente, depois, ameaçado das piores violências por parte dos fascistas, — que em Roma, à luz do sol e sob os olhares da polícia, haviam destruído já a sua vivenda, com pouco mais de esforço do que na destruição das nossas modestas Câmaras Sindicais desmobiladas — exilou-se, a bem ou a mal, — deixando na Itália os seus bens, que não de ser salvos em nome de qualquer princípio legal por vontade de um operário que se julga dominador porque é fascista ou fascinado. — E agora o sr. Nitti sente melhor os problemas da justiça e da injustiça, manifesta uma sensibilidade mais viva e um poucoquinho subversiva...

Bem sei que se torna supérfluo dizer que a parte crítica do livro pretende ser positiva, contendo, afinal, o enunciado próprio do pacifismo que se tornou a salvaguarda do regime capitalista e do poder do Estado, sem outra saída que a maldição da guerra e a evocação da paz, em tempo de paz, o que é realmente muito interessante, mas não resolve o problema nem lhe oferece as principais soluções.

Colocando o livro do sr. Nitti, como outros, tem o mérito de ser educativo, desintoxicado de veleidades nacionalistas, mérito que só por misonismo se pode negar. Dizer mais do que isto torna-se difícil tarefa. Se apartarmos deste livro os dois

últimos capítulos e várias ligeiras afirmações sobre o caminho que deva levar-nos à paz do mundo e sobre a aspiração dos Estados Unidos da Europa, os oito restantes capítulos constituem um denso emaranhado de dados, de notas e de observações importantes, tudo isto sintetizando a nossa verdade contra o imperialismo que perdura desde a época anterior à guerra até aos nossos tempos, a ela posteriores.

O monopólio do capitalismo favorecendo erros monstruosos

O primeiro capítulo fala-nos dos *camponeses prisioneiros*. Diz-nos que quem fala é um pastor italiano, feito prisioneiro durante a guerra, e ministro das finanças e presidente de ministério, depois da guerra. Sigamos a requisitória do autor. Primeiramente, evidencia que nenhum povo gosta da guerra.

«A guerra na Europa — diz Nitti — foi precipitada subitamente por pequenos grupos oligárquicos que na Rússia, na América do Norte, na Alemanha e na própria França detinham o poder político. De resto, quasi todos os jornais que, antes da guerra, queriam a guerra, que, depois da guerra, queriam a guerra por outra forma e a política de reparações mais decidida e exigiam a prática de novos erros, são geralmente, em todos os países, subvencionados por grupos financeiros que prosperaram com o fornecimento de munições, por grandes fornecedores militares e por grandes organizações financeiras de especuladores».

O mesmo diziamos nós, quando fazíamos a «demagogia anti-patriótica» — interrompi eu (perdão, supunha estar conversando) — mas v. ex.ª ainda quer manter o regime de monopólio capitalista?

Estamos no prefácio e sentimos já todos os motivos do livro. De quem, as responsabilidades da guerra?

Deito colectivo, declara Nitti. A justiça toda é da parte adversa do Kaiser? Ou a responsabilidade será apenas da Alemanha?

O sr. Nitti procura demonstrar, à luz meridiana, as variadas responsabilidades, mas não define as da Rússia czarista, antes collocada, pela guerra com o Japão, neste dilema: ou a constituição ou a revolução.

Após a guerra, a coligação europeia voltou-se ferozmente contra a Rússia: tinham-lhe prometido o domínio no Mar Negro, uma grande influência na Ásia Menor, uma mão sobre Constantinopla — como para mostrar um dos aspectos da guerra anti-imperialista. — A coligação quis aproveitar-se da sua própria queda, do seu próprio desmembramento, e pretextando a odiosidade do terror bolchevista o que não era mais do que homenagem ao regime zarista. E todas as «homologias» a reconhecerem a razão desta guerra, entre lágrimas.

Nitti fala da intransigência anti-russa de

Millerand: «Mas os antigos socialistas — diz depois — que através de uma série de transigências estiveram quasi a ser absorvidos pelos partidos conservadores, tal como certos padres católicos que se passam para o protestantismo por antipatizarem com a sua fé, temem hoje todos os actos revolucionários e até as próprias manifestações dos socialistas».

Um balanço demonstrativo de uma trágica regressão

Segundo capítulo: *A falência da guerra*. — Um balanço? Sim.

Dez milhões de homens mortos ou desapa- recidos; um número muito mais elevado de mutilados e inválidos; espantosa progressão da tuberculose e da sífilis; largos meses, na Europa meridional, de epidemias, selecção de infelizes, pois os degenerados se salvaram e os de melhores qualidades fisca- lis e morais foram facilmente arrastados nas torrentes de sangue; ruína da economia europeia, (navios, oficinas, propriedades, fazendas e campos, minérios, tudo destruído); anos inteiros na fabricação de material de guerra e na manutenção de formidáveis exércitos; finalmente, as dívidas de cada país agravadas dez e quinze vezes.

Depois os prejuízos originados pelos tra- tados de paz, que dividiram e tornaram a dividir a Europa, cortando relações de so- lidariedade económica entre diversos países e intensificando as lutas internas das na- cionalidades.

A América e o Japão preparam um novo imperialismo, com a sua imensa população. Entretanto, ressurge um capitalismo super- parasitário que não se desenvolve econômi- camente e se dedica inteiramente às especu- lações trazidas pela guerra; especulações cambiais, comerciais, e de fornecimentos.

Multiplicaram-se os improvisados milio- nários, aumentou a subserviência da im- prensa, há maior ausência de escrúpulos e de moralidade na política.

Quanto à liberdade, os resultados do ba- lanço não são menos impressionantes:

Na Itália, o fascismo; ditadura na Espanha; na Hungria a reacção; a França e a Alemanha ameaçadas de restauração monár- quica; na Polónia, Tchecoslováquia, e Iu- goslavia a efervescência nacionalista que mantém estes países em estado de violência excepcional e atrai as repúblicas bálticas para a mais completa desordem; Portugal e Grécia ameaçados de fortes repressões reac- cionárias.

«A guerra — diz Nitti — foi sobretudo uma guerra de todos contra todos, de tudo contra tudo».

Daí as consequências morais: ódio, ran- cor, dissidência, regressão espiritual. A própria religião, a arte, a ciência, conta- minadas e aviltadas. Sem contar a rotura de

Retornemos aos tempos medievais?

Nas últimas 48 horas dois duelos san- grentos vieram espicaçar a sensibilidade da população e enlutar duas famílias. Um, ocorrido na cidade da Guarda, teve como protagonistas dois oficiais do exército: Correia de Figueiredo e Fernando Tártaro. A origem deste duelo, realizado à margem de todas as formalidades que regulam as cha- madas pendências de honra, foi uma mu- lher, esposa do primeiro e que dizem man- ter relações ilícitas com o segundo. Do desfecho deste encontro restam: o cadáver de Correia de Figueiredo e Fernando Tár- taro, gravemente ferido no hospital.

O segundo duelo realizou-se em Lisboa, no campo do Jockey-Club, e foram dele protagonistas os srs. Beja da Silva, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e dr. António Centeno, director-delegado das Companhias Reunidas Gás e Electricidade. A origem deste duelo, realizado dentro dos códigos secretos que regulam estes encontros, filia-se no facto do primeiro contendor ter apreciado, numa reunião do Senado Municipal, desfavoravelmente, a atitude das Companhias Reunidas Gás e Elec- tricidade no que concerne ao aumento de preço ao alugar dos contadores de gás e de energia eléctrica. Epilogo este encon- tro o seguinte doloroso facto: o sr. Beja da Silva, no decurso dum dos assaltos, foi acometido dum síncope cardíaco, mor- rendo!

Descritas nestas singelas linhas os dois encontros, restar-nos-ia umas frases finais de consternação pelos infaustos aconteci- mentos, se quiséssemos imitar os jornais burgueses na narração do sucedido. Porém, a morte destes dois homens, embora eles não morressem de amores por este jornal, não pode passar em claro porque nos ofe- rece admiráveis motivos de crítica.

A morte do sr. Beja da Silva deu motivo o facto de a Companhia do Gás, um feudo poderosíssimo, não querer respeitar a letra dos contratos e a Câmara Municipal exigir o máximo respeito para esses contratos. O aumento de preço do aluguer dos conta- dores foi mais dum vez verberado nestas columnas, foi mais dum vez combatida nesta folha rebelde. Mais: a inépcia da própria Câmara Municipal mereceu e merece ainda a nossa condenação, tanto no que se refere aos contadores, como no que diz respeito à iluminação pública, que atingiu o máximo desafio. Pois como complemento de toda a obra sinistra da Companhia do Gás, um dos seus directores desafiou um duelo um vereador que teve o desassombro, numa terra de imbecis, de criticar desfavorável- mente aquele feudo. Em resultado desse encontro, em consequência dum forte co- moção o irreverente vereador caiu fulmi- nado e jamais poderá erguer a sua voz contra a Companhia do Gás! O responsável desta fatalidade deve estar orgulhoso, deve estar radiante. Vencem a vereação e por último fez cair a seus pés inanimado um adversário que não tinha condições físicas para se ba- ter em duelo!

Temos agora em segunda análise o facto do Código Penal não permitir duelos e a polícia tolerá-los. Com que autoridade moral se atropela a lei, que tão inexorável é para os pequenos? Vamos. Se o duelo não é permitido por lei, porque se arroga a polícia em tolerar esses encontros que podem ser sangrentos, como este foi? Por- que se permite essa reminiscência do im- pério romano, se ela não pertence à nossa civilização? Digam-nos agora se somos nós que estamos fora da lógica ou se são os próprios senhores da burguesia que se colocam à margem das leis para darem ex- pansão aos seus sentimentos bárbaros que envergonham a espécie! Digam-nos se não é muito mais humano, muito mais coeren- te dois homens desafiarem-se, quando tenham motivo para isso, do que estarem a preceder a sua desafiante formalidade e convencionalismo? Digam-nos ainda se será mais criminoso o oficial que no encon- tro na cidade da Guarda matou o seu an- tagonista, ou o sr. António Centeno que foi a causa da morte do sr. Beja da Silva? Va- mos, digam-nos!

relações e de intercâmbios intelectuais en- tre países civilizados.

O desequilíbrio europeu: violações de tratados, grandes exércitos, violências e extorsões

No capítulo seguinte: *A falência da paz armada*, o quadro não é menos negro nem menos verdadeiro.

Os estados europeus andam desequilibrados. A Europa balcaniza-se. Na Tchecoslo- váquia a minoria nacionalista predomina, na Polónia, na Rumania, na Iugoslavia, na Grécia, há fortes minorias étnicas subme- tidas. A Bélgica tem os territórios tudes- cos de Eupem e Malmédy. Só a Dinamarca recusou territórios que não eram dinamar- queses. A Sarre tudesca, inteiramente tu- desca, foi separada da Alemanha e logo adida perpetuamente à França. A Alemanha foi dividida em duas partes pelo corredor de Dantzig. Muitos milhões de tudescos fo- ram entregues à Polónia e à Tchecoslová- quia. A pretexto de limitação dos arma- mentos, foi a Alemanha desarmada, ao mes-

mo tempo que os outros estados melhor se armavam.

Na Europa, estão actualmente em armas 3.800.000 homens, mais do que antes da guerra. Já, a Rússia e a Alemanha aceitaram a paz que lhes é imposta. E a Áustria, estrangulada em Saint-Germain e obrigada à completa separação dos outros povos tudesco, só espera o primeiro ensejo para se rebelar.

Mas a situação da Alemanha agravou-se com a privação das suas colónias, da sua frota mercante, do material de guerra constituido pelos bens dos seus cidadãos no estrangeiro. Sómente, os alemães estão livres das capitulações por iguais razões que subtraem os europeus as leis chinesas.

Acres das duas maiores criações do tratado de Versalhes—A Comissão de Reparações e a Sociedade das Nações—o sr. Nitti escreve: que a primeira é uma das mais degradantes manifestações de quanto pode o espírito de rapina quando se favorece pela ignorância e pela imbecilidade e que a Sociedade das Nações «funciona com os lubrificantes da violência».

Seguintes capítulos desenvolviam considerações acessórias das ideias expostas.

O autor do livro discute largamente acerca das violações dos tratados, demonstrando que, antes, durante e após a guerra, todos os governos violaram tratados. Com a proclamação do bloqueio marítimo e invasão do território da Grécia, os próprios governos aliados praticaram a violação do tratado de Versalhes, sem contar, ainda, com a invasão do Ruhr, nem com a partilha da Alta Silésia contra o voto expresso por um plebiscito popular.

A paz europeia é ilusória e só o imperialismo se tornou ameaça positiva

Os dois últimos capítulos intitulam-se *As ilusões sobre a paz e a luta entre os princípios da destruição e os princípios da vida*. Preveem a ruína da França, hoje já iniciada. Esta parte do livro é bastante singular. Nitti revela a nenhuma amplitude do critério político do sr. Herriot, o qual, contra a política do sr. Poincaré, não sabe mais do que invocar o respeito pelos tratados, baseados em pequenos acordos.

Este argumento parece confirmar-se extraordinariamente com a assinatura dos acordos de Locarno. Lede este período: *Enquanto ficar de pé a mentira de Versalhes a paz nada mais terá do que um recrudescimento de odios*.

O autor refere-se aos preconceitos de raça. Na Europa, porém, não existe uma raça pura, é absurdo afirmar-se que uma raça se não encontra mesclada e tenha, por ser pura, o direito de predomínio sobre as outras.

O sr. Nitti diz também que a melhor garantia da paz é a mais ampla realização da Democracia. A verdade é que, teórica ou praticamente, não vimos ainda uma realização democrática. Demais, o sr. Nitti afirma que *pouco se deve esperar da obra dos governos inspirados pelas tradições do ranço*.

Mas Nitti tem razão quando declara que as ditaduras trazem a guerra e acabam na guerra. Passo a repetir as palavras ditas pelo senhor da Itália, num discurso pronunciado há dias na Câmara italiana:

Falo a partir de um pensamento que é sempre fundamental e exprime o estado de espírito italiano: a Itália encontra-se em permanente situação guerreira.

Esta passagem foi aplaudidíssima. A Itália fascista compreenderá bem: tem de se tragar a carta política da grande Roma.

Em caso de guerra, porém, proclamamos, como outrora, o dever de cada um se revoltar, sobretudo, quando a guerra deixe de ser hipótese e se torne facto. Segundo afirma Nitti no seu livro, quando a guerra se declara, nada há a fazer senão *marchar e combater*. Marchar? Ou precipitar?

Armando BORGHI

Notas & Comentários

Foram mal sucedidos...

O Natal é o dia do ano em que os «grandes» exibem com maior hipocrisia a farsa da caridade. Se fôssemos a comentar um por um, todos os factos de que tivemos conhecimento, esta secção por muito extensa que fosse tornava-se insuficiente para os relatar. Por isso limitamo-nos a destacar para aqui uma cena que nos veio narrar ontem o operário Manuel Joaquim de Jesus, por entendermos que ela não pode ficar no ignoto. Expliquemos a referida cena:

No dia 26, um dia depois do Natal, um grupo de protestantes pretos, na localidade da vila Maria, ao Caminho do Beato da Penha, com tecto com um dos seus senhores moradores um «grande» público de catequese e de distribuição de «biscoitos» às crianças pobres. Alguns «grandes» indignados com a exibição dos «arreguins» protestaram rudemente, o que levou a debandar o grupo que esperava um grande êxito, mas que teve um grande insucesso. Diz-nos ainda Manuel Joaquim de Jesus que houve alguns operários, entre eles Enrico Ramos, que defenderam a exibição do grupo só porque ele dava brinquedos às crianças. Que grande preparação ainda é mister fazer para levar estes operários ao convencimento de que toda esta caridade para os pequenos não passa duma refinada farsa!

Journalismo «à soussation»

O sr. Ernesto Sordel Pressler é um apaixonado por coisas da aviação e daí o cuidado que lhe têm merecido os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral e principalmente este último, pela sua curta razão de ter morrido. Tinha — e isso merece algumas palavras de simpatia — de envolver nas suas homenagens a memória do humilde piloto Pinto Correia, morto com Sacadura, no trágico desastre da *Mancha*, tratando afincadamente de minorar a situação económica, quase angustiada, em que ficaram sua mulher e seus dois filhos menores. Na exposição dos relatórios destinados ao Brasil e à colónia portuguesa residente naquele país, que antecederam efectuada junto ao monumento dos Restauradores, conseguiu obter, por meio de subscrição voluntária, uma quantia superior a 3.000 escudos. Como não quisesse — devido à circunstância de se ter efectuado ontem o funeral do vencedor sr. Beja da Silva — depositar até à sua partida para o Brasil os relatórios na Câmara Municipal, entregou-os ao governo civil. A Capital na ânsia de fazer jornalismo «à sensação» noticiava ontem que se *aprovava* que os relatórios foram adquiridos com *avultadas* quantias oferecidas por Karel Marang e que a *volúta* os fizera *apreender*. Houve apenas o que noticiamos constante um documento emanado do governo civil que o sr. Pressler veio a esta *relação* mostrar-nos. Não extrairíamos a notícia da Capital habituados como estamos a sermos atingidos unicamente pelos processos deploráveis de fazer jornalismo usados pelo sr. Manuel Guimarães.

DESPORTOS

FUTEBOL

«Helsingborg» vence o «Benfica», por 4-1

O campeão sueco, na sua segunda exibição, demonstrou aos cépticos que não foi demasiado o reclame feito ao seu valor e à sua técnica, lá porque o Sporting num tarde feliz conseguiu um resultado lisonjeiro.

Nas Amoreiras, com um terreno macio, e relvado e readquirido o controle de bola, de que no primeiro jogo se ressentiram da falta, — há perto de dois meses que não praticavam futebol, por terem os seus campos nevados — os jogadores suecos fizeram um jogo que satisfaz pela correcção, nobilitismo e acuidade nas suas linhas. Notabilizaram-se, o guarda-redes que não fica a dever nada a Zamora; o interior esquerdo avançado que se classifica o marcador do «team», o médio centro excelente jogador, com elegância de estilo, e os defesas. Os restantes completam o conjunto, valorizando-o em perfeita associação.

O Benfica, inferior em peso e em preparação atlética, teve maiores dificuldades em se agigentar num terreno, ainda empapado pelas últimas chuvas, mas que para o adversário foi magnífico por assim serem no geral os seus campos de jogos.

Entretanto com um pouco mais de *chance* podia ter melhorado o resultado, pois a segunda parte foi bem trabalhada por si, no maior tempo. O seu ponto de honra foi conquistado neste segundo meio tempo, após boas e sucessivas jogadas que a brilhante actuação do trio defensivo sueco, bem melhor o guarda-redes, conjuraram com facilidade e não aproveitou uma grande penalidade concedida.

O ponto fraco dos «benfiquenses» foi, a sua linha de médios; momentaneamente o direito, ultimamente muito prejudicial ao grupo. Os avançados e a defesa relativamente bem. A arbitragem de Jorge Vieira pouco cuidada, acompanhando mal o jogo.

A atitude de uma parte do público, minimamente feliz, irreverente, por vezes maliciosa, o que necessário se torna corrigir.

O Carcavelinhos no Porto

Na sua viagem ao Norte, o Carcavelinhos conseguiu uma retumbante vitória sobre o Boavista, segundo, classificado no campeonato local, dominando-o em absoluto e batendo-o por 5-1. Com o «Progressor», numa exibição inferior à da véspera, conseguiram uma bola contra outra, marcada pelo grupo português resultante da transformação de uma grande penalidade. Neste segundo jogo apresentaram-se a defender as redes do grupo «valentianense», Carlos Guimarães, antigo guarda-redes da equipa nacional e jogador do velho clube das Larangeiras, «O Internacional».

Afirma-se mesmo que Guimarães apanhará ainda pelo Carcavelinhos, para um jogo do campeonato, na segunda volta, contra o Sporting.

Em Setúbal

O «Helsingborg» confirma o seu valor batendo o «Vitória» por 6-3

Paralela entusiástica e numerosa assistência efectivou-se o anunciado encontro que resultou bom pela confecção de jogo, dando o resultado lógico em relação ao valor dos dois grupos.

O desatino teve as características do realizado domingo com o Benfica. Os suecos empregando-se a fundo na primeira parte que terminou 4-1.

O Vitória desenvolvendo melhor jogo na segunda metade que deu a cada contendor a marcação de duas bolas a seu favor. Uma, da do Vitória, foi resultante de grande penalidade, inteligentemente marcada.

Parece assim confirmar-se as previsões dos entendidos, que asseguram — ao contrário do sucedido com outros grupos que nos têm visitado — ao campeão da Suécia melhoria sucessiva de resultados, à maneira que vão efectuando maior número de desfechos. Aguardemos a exibição do «Futebol Clube do Porto» campeão de Portugal, na próxima sexta-feira.

Imperialismo soviético

KABUL, 28. — As tropas soviéticas invadiram a fronteira Afegan matando um oficial e vários soldados.

Licenças do Governo Civil

Na 3.ª repartição do Governo Civil começou já a reforma das licenças de porta aberta até às 0 horas, sendo também reformadas as licenças anuais dos hotéis, casas de pensão e comensais, hospedarias, casas de pernoitar e casas de hóspedes. Estas últimas licenças, casas de hóspedes, têm de ser reformadas até ao dia 15 de janeiro futuro.

A partir do mês de Janeiro próximo, as licenças especiais de porta aberta depois das 0 horas, só poderão ser reformadas até ao dia 5 inclusive, sendo depois desse dia autuados os comerciantes que não possuírem as respectivas licenças.

Os clubes e sociedades de recreio terão de possuir as suas licenças no dia 5 de cada mês, sob pena de procedimento legal.

Na secretaria do Governo Civil serão também reformados os alvarás de teatros, cinematógrafos e outras casas de diversões, campos de jogos desportivos e licenças para saídas de bandas musicais.

Na 2.ª repartição já também começou a reforma de licenças para venda de águas minero-medicinais.

Substituições...

MOSCOU, 28. — Em consequência das deliberações do último congresso comunista russo anuncia-se a próxima substituição nos corpos dirigentes do partido, de Zinoviev e Kamenef.

A imprensa e as guerras

MADRID, 28. — Segundo o correspondente do «Chicago Tribune» deliberou-se definitivamente não encaminhar o problema de Mossul no sentido de uma guerra com a Grã-Bretanha.

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade os 21 Manufactores de Calçado. — Reúne hoje pelas 21 horas, para apreciar a sua situação e nomear a nova direcção.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Uma mulher selvática-

mente agredida por um soldado da G. N. R.

No sábado transacto dois soldados da G. N. R. foram satisfazer determinadas necessidades fisiológicas junto dum muro que fica próximo a umas habitações. O seu gesto era particularmente indecente, por ser feito à vista de quem passava e de quem morava próximo. Isso mesmo lhes fez sentir, em termos delicados, Deolinda Rodrigues Ventura, moradora na vila das Águas Livres, 104, a Campolide.

Um dos soldados, que tem o número 176 e pertence à 6.ª companhia de infantaria aquartelada em Campolide, foi directo a ela e perguntou-lhe: *altaneiro?*

— Com quem julga que está falando? Ao que ela lhe respondeu com naturalidade que estava falando com um soldado. O guarda republicano irrita-se como se tivesse recebido uma ofensa gravíssima e grita-lhe colérico:

— Eu já lhe vou dar o soldado. E sem mais explicações arromba a cancela que deita para a residência da senhora Deolinda. Esta obtemperou-lhe que não queria que assaltasse a sua casa, ao que ele replicou agredindo-a com fúria selvática, derrubando-a e pretendendo ainda calcá-la com os pés, ou, para melhor dizer, com as patas...

A senhora Deolinda foi presa e conduzida ao quartel de Campolide onde depois de se averiguar a infâmia de que foi vítima a puseram em liberdade.

A G. N. R. continua a fornecer nos excelentes fogos de civismo. Na arte de agredir mulheres covardemente, ninguém a excede... Isto sem recordar o cabo Moreno.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto.

— Hoje às 21 horas, baite abrilhantado por um grupo musical.

Grupo Excursionista União de Vila Seca. — Refine em assembleia geral, hoje, pelas 20 horas, na rua do Benfornio, 50, 1.ª, para discussão do relatório de contas e eleição dos corpos gerentes para 1926.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracção de dentes sem dor, a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cantião». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)

As dívidas da guerra

LONDRES, 28. — Uma nota diplomática do «Observer» exprime o seu optimismo acerca das próximas negociações italo-inglesas para a regulamentação do problema das dívidas de guerra, assegurando ainda a boa disposição em que se encontra a Grã-Bretanha.

Lede o Suplemento de A BATALHA

ACREDITA: a fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são tão um inimigo poderoso

A NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO ESSENCIAL

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as misturas de vitaminas e sais minerais

LABORATÓRIOS DO NÚCLEO VITAMINIZADO

Dr. Carlos Restrepo, 15 LISBOA

TIVOLI

Telefone 11-5171 A's 3 314

O ARPÃO

Film de emoção e aventuras, em oito partes

Paris que dorme

Fantasia, em cinco partes

O PAPÃO

Desenhos animados

Uma cine-farça com PENGUINO

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE

Apresentação dos ferozes Tigres reais

no meio da pista

E a primeira vez que em Portugal se vêem tigres na arena de um circo

ÚLTIMA SEMANA DA Grande Companhia de Circo

Quinta-feira — EMPOLGANTE «MATINEE» SEGUNDA-FEIRA, 4 O comovedor drama romântico As duas órfãs

Os transportes citadinos

A semelhança dos automóveis os «slide-cars» vão baixar os preços das suas carreiras

Não erramos quando previmos que a iniciativa dum grupo de «chauffeurs» ao constituir-se em cooperativa para estabelecer os auto-taxis, iria revolucionar os transportes citadinos. Assim, os transportes rápidos que ontem eram privativos dos mais endinheirados, são hoje já acessíveis a uma maior parte do público. Seguindo esse exemplo dos «chauffeurs» de automóveis, vão agora os «chauffeurs» de «slide-cars» baixar também o preço das suas carreiras, como poderá ver-se da seguinte tabela que vem de trazer-nos:

1.ª zona 4500 — Conde de Redondo, Rato, C. Santa Ana, M. Pombal, C. Sodré, T. Págo, Intendente, Camões, P. Rio de Janeiro.

2.ª zona 6550 — P. D. Saldanha, S. Sebastião, Amoreiras (arco); Estefânia, C. Barão, Terreiro do Trigo, Santa Bárbara, Escolas Gerais.

3.ª zona 8550 — C. Pequeno, Almirante Reis, Rego (largo), Palhavã, Graça, C. Ferro, Santos, Estrela, C. Ourique, Campolide.

4.ª zona 10500 — L. Mousinho da Silveira, Moais Soares, Penha de França, Alcântara, Prazeres.

5.ª zona 12550 — C. Grande, Xabregas, Alto do Pina, Santo Amaro, Terramotos.

6.ª zona 15500 — Belem, Beato, Stadium, Telheiras, S. Domingos de Benfica.

7.ª zona 20500 — Benfica, Luniar, Carnide, Págo do Bispo, Pedrouços.

8.ª zona 25500 — Algués, Braço de Prata, Carriche.

Serviços de retorno são acrescidos 50 p. c., com direito a 15 minutos de espera. Serviços à hora 15500.

As motocicletas, que vão adoptar estes preços trazem um galardete encarnado com uma esfera branca no centro, sendo em número muito reduzido as que não adotaram a nova tabela.

SOLIDARIEDADE

Foi entregue por Jorge Mateus à secção profissional dos pedreiros a quantia de 19 escudos, proveniente da subscrição tirada no novo Manicómio para os pedreiros que se encontram presos.

Ocorrências diversas

Recolheu à Sala de Observações do hospital de São José, Ilharia da Conceição Basílio, de 21 anos, residente na rua Febo Moniz, que caiu da janela à rua, fracturando a perna direita e ficando contusa pelo corpo.

No lugar da Fonte Boa dos Nabos, próximo da Ericeira, reside o sapateiro Júlio Carlos, de 32 anos, o qual ontem ali se envolveu em desordem com outros indivíduos. Ao ter disso conhecimento seu irmão Manuel Carlos, de 47 anos, morador na mesma localidade, foi em busca do Júlio, mas quando se dirigia para casa deste foi atingido por um pedreira na cabeça, supondo-se que ali estivesse oculto aguardando a passagem do irmão para o agredir.

Aos gritos do ferido acudiram várias pessoas, sendo-lhe na localidade prestados os primeiros socorros e vindo depois para Lisboa, onde num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos Drs. Sabino Pereira e Américo Durão, recolhendo depois à enfermaria de Santo António.

Os «chauffeurs» António Duarte Machado, de 32 anos, residente na rua Garcia da Horta, 30, e José Hilário, de 30 anos, morador na rua das Atoleiras, 5, o primeiro ferido na cabeça e o segundo no braço esquerdo foram pensados no Banco do hospital de São José recolhendo a casa.

No mesmo Banco também recebeu curativo e seguiu depois para casa, Guilhermina da Silva, de 21 anos, natural do Fundão, residente no largo do Salvador, 1 loja, e que, no mesmo largo, foi agredida por um indivíduo que em seguida se evadiu o qual lhe vibrou uma facada na perna esquerda.

Teatro São Carlos

HOJE e sempre

O PRINCEPE JOÃO

Scenários de LUZ & ALMEIDA e FREDERICO AIRES

Encenação da professora LUCINDA SIMÕES

Nos principais papeis LUCÍLIA SIMÕES e SAMUEL DINIZ

TEATRO APOLO

Telef. N. 4129

HOJE

O DRAMA

de Emílio Zola

Colossal criação do admirável actor-empresário

Blues da Cunha

ESPLÊNDIDO CONJUNTO

HOJE

Telefone C. 2814

A DELICIOSA COMÉDIA ESPANHOLA

VIDA E DOÇURA

ÓTIMA INTERPRETAÇÃO

OS QUE MORREM

António Faustino

Ao coval 2732 do cemitério da Ajuda baixou na tarde de anteontem o corpo inerte do nosso desventurado camarada António Faustino, uma das figuras de maior prestígio que o movimento operário registou nas suas fileiras. O cortejo fúnebre poz-se em marcha às 11,30 horas da rua de São Francisco Borges, com cerca de mil pessoas, que representavam várias agremiações e eram das relações do extinto ou de sua família, encaminhando-se para a rua Gilberto Rola, onde parou durante alguns minutos para ser arreada do mastro da sede do Carcavelinhos Foot-ball Club a bandeira desta colectividade desportiva que passou a cobrir o atafé. Novamente em marcha o cortejo dirigiu-se para o cemitério da Ajuda onde chegou às 13 horas, com maior número de acompanhantes, e as representações das seguintes colectividades: Associação de



António Faustino

Classe dos Empregados Menores do Comércio e Indústria, Comissão Central do Sanatório dos Empregados no Comércio, Associação de Foot-Ball, União Portuguesa de Foot-Ball, S. M. Ordem e Progresso (com estandarte), C. M. 6 de Setembro de 1903 (com estandarte), P. Foot-Ball Club, Sport Lisboa e Benfica, Colégio de Artistas, G. D. «Os Lusitanos», G. D. «Os Serenos», Carcavelinhos Foot-Ball Club e G. D. «Os Combatentes».

No cemitério foram organizados os seguintes turnos: 1.º, pelos srs. Raúl Vieira, Henrique Prazeres, dr. Reis Gonçalves, dr. Virgílio Paula, Ilídio Nogueira e Raúl Dias; 2.º, representantes do P. Foot-Ball Club, S. L. e Benfica e agremiações desportivas; 3.º, representantes dos jornais *A Batalha*, *Luz e Vida*, do Porto, A. E. M. Comércio e Indústria e C. C. do Sanatório E. no Comércio; 4.º, J. Vila Nova, para o dia do funeral; 5.º, pessoal da casa J. Vila Nova; 6.º, corpos gerentes da Ordem e Progresso; 7.º, idem da 6 de Setembro; 8.º, Troupe Dramática «Os Lusitanos»; 9.º, corpos gerentes dos Carcavelinhos; 10.º, sócios dos Carcavelinhos; 11.º, camaradas de ideias do extinto; 12.º, amigos e família do finado.

A beira da sepultura falaram, enaltecendo as qualidades de carácter do extinto, os srs. Manuel da Cunha Lusitano, do C. M. 6 de Setembro; Alvaro Monteiro, da S. M. Ordem e Progresso; e o nosso camarada Manuel Maria de Sousa, como caixeiro e amigo que foi de António Faustino.

A *Batalha* fez-se representar no funeral pelo nosso camarada de redacção Alfredo Marques e o jornal *Luz e Vida*, do Porto, por Domingos A. Ribeiro.

A S. M. Ordem e Progresso vai promover uma manifestação fúnebre dentro do prazo de trinta dias.

Maria Duarte Queimado

Realiza-se hoje, pelas 12 horas, o funeral de D. Maria Duarte Queimado, esposa do sr. António Pereira Queimado, músico reformado, actualmente empregado no distrito de reserva n.º 1, saindo o préstito fúnebre da rua Particular (a rua Maria Pia), para o Cemitério de Benfica.

Emília Maria da Silva

Vitimada por doença súbita faleceu no préstito sábado à noite, no hospital de S. José, D. Emília Maria da Silva, mãe de Frederico da Silva Rosa, secretário do consil português em New-Bedford, e dos nossos camaradas António da Silva Rosa, da Imprensa Nacional, e Celestino da Silva Rosa, maquinista do hospital de S. José.

O funeral realizou-se ontem, com grande acompanhamento, tendo saído o préstito daquele hospital para o cemitério do Alto de S. João.

Teatro Maria Vitória

Telefone Norte 3644

Duas sessões A's 8 1/2 e 10 1/2

TRIUNFO COLOSSAL

A mais engraçada, luxuosa e admirável revista de todos os tempos

FOOT-BALL

Gargalhada permanente com o hilariante quadro Banco dos Réus, L. da irresistíveis charges políticas

O FERRO-VELHO-O ELEITOR O JORCA

Desopilantes episódios As duas elegantes — As palavras cruzadas

O quadro triunfante

TEATRO PIRANÉDICO

Belos números populares A mulher do camarão — A flor do luxo e a flor da lama e os Dois garotos

Santas deslumbradoras Os cavalos — A flor do Japão

AS ROSAS

que o público canta todas as noites entusiasmadamente

Emocionante desfile dos Clubes de Foot-Ball de Lisboa

2 apoteoses arrebatadoras 2

Notável desempenho de Lina Demol, Hortense Luz, Carlos Leal, Alfredo Ruas, Santos Carmo e Alberto Oiro

A SOMERA DA PÁTRIA

MARCO POSTAL
Vila Real de Santo António.—Para assunto de grande importância, necessitamos que o nosso querido correspondente nos envie com urgência o seu endereço.

AGENDA
CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

S.	4	11	18	25	ROJO O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,54
D.	6	13	20	27	Desaparece às 17,24
S.	7	14	21	28	FAZENDA DA
T.	8	15	22	29	L. C. dia 30 às 5,5
Q.	9	16	23	30	O. M. " 8 " 12,11
Q.	10	17	24	31	L. N. " 15 " 19,5
					O. C. " 22 " 11,8

MARES DE HOJE
Fraisamar às 2,27 e às 2,46
Paixamar às 7,57 e às 8,16

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95300
Madrid cheque		2578
Paris, cheque		572
Suiza, cheque		3379
Bruxelas cheque		589
New-York, cheque		19560
Amsterdão, cheque		7589
Itália, cheque		579
Brasil, cheque		2885
Praga, cheque		559
Suécia, cheque		5827
Anstria, cheque		2577
Berlim, cheque		4568

ESPECTÁCULOS

TEATROS
S. Carlos.—A's 21,30—O Príncipe João.
Pellegrina.—A's 21,30—Seguro da Vida.
Teatro de S. Carlos.—A's 21,30—Clô Clô.
Cin. São João.—A's 21,30—Vida e Morte.
Epico.—A's 21,30—A Taberna.
S. Carlos.—A's 21,30—O Lobo do Tojo.
Teatro de S. Carlos.—A's 21,30—O Pão de Ló.
Cin. São João.—A's 21,30—Compagnia de circo.
Teatro de S. Carlos.—A's 21,30—Foot-Balls.
S. Carlos.—A's 9,45—O Pírolito. Animatôgrafo e variedades.

CINEMAS
Tivoli.—Olympia.—Central.—Condes.—Chiado Terrace.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tertolito.—Cine Paris.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA, do Conde Barão, Duña, 40; 100, 2830 milheiro, 25800.

Largo do Conde Barão, 55

LIMAS NACIONAIS

Grande desconto aos revendedores

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850. Pedidos à administração de A Batalha.

A sair por estes dias a 9.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publicou

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha.

A Revolução Social e o Sindicalismo

por Arkimof. Preço 1500.

29-12-1923

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 610

«Deixei-me dizer mais duas palavras, meus queridos irmãos! Vedes aqueles confessorários ornamentados com as armas do nosso santo padre? Os sacerdotes que ali vos vão ouvir de confissão representam os penitenciários apostólicos de Roma em dia de grande jubileu; aqueles que quiserem tomar parte nas três principais indulgências entram nesses confessorários e dão conscienciosamente ao penitenciário qual é a maior quantia de que se podem privar para obter as concessões seguintes:

«A primeira consiste na revisão absoluta de todos os pecados passados, presentes e futuros.

«A segunda é a participação em todas as obras e merecimentos da santa Igreja católica, apostólica e romana, tais como jejuns, orações, peregrinações e macerações de toda a espécie.

«A terceira... prestat bem atenção, meus queridos irmãos, o que resta depois da escolha dos outros é o melhor! como diz o provérbio... esta indulgência excede tudo quanto podem esperar os mais fiéis crentes!...

—Escuta, disse em voz baixa frei Girardo a Hervé, escuta... e arrepende-te de teres duvidado dos recursos que pode proporcionar a fé.

—Oh! já não duvido, e portanto ouso apenas esperar... murmurou com voz ofegante o filho de Cristiano, enquanto o dominicano exclamava:

«A terceira mercê, meus queridos irmãos, dá-vos o direito de escolher um confessor que, todas as vezes que recees morrer, será obrigado, em virtude da carta de absolvição que teres pago e recebido, e da qual deves dar-lhe conhecimento, terá a restrita obrigação de vos conceder a absolvição, não somente dos pecados que houverdes cometido, mas também dos maiores crimes, dos quais a remissão está reservada à sede apostólica, a saber, o que se chama casos reservados: a bestialidade, o pecado contra a natureza, o parricídio e o incesto...

Apenas o dominicano acabou de pronunciar esta última palavra, as feições de Hervé tomaram um aspecto medonho: os seus olhos scintilavam, e um sorriso de condenado franziu-lhe os lábios, quando frei Girardo, enclinando-se para o seu ouvido, lhe disse:

«Acaso enganei-te? Ele até absolve os incestuosos.

«Finalmente, meus irmãos—acrescentou o comissário apostólico—a quarta mercê consiste em livrar as almas do purgatório. Para aquele favor, meus irmãos, não é necessário, como para os três primeiros, ter a contrição no coração e confessar-se; não, para isso basta somente deitar na caixa a vossa oferta... Dêdes modo arrancareis aos suplicios as almas dos mortos! Com a vossa oferta concorrereis para a obra santa da reconstrução da basílica de São Pedro de Roma... Por tanto, meus irmãos—acrescentou ele batendo de novo com toda a força na caixa,—trazei o vosso dinheiro! trazei os vossos ducados! trazei!...

Depois desta última exortação, as grades do côro abriram-se, e aqueles que, em pequeno número, desejavam caridosamente livrar algumas almas das penas do purgatório, começaram a desfilar diante do cofre, dentro do qual deitavam as suas ofertas depois de fazerem o sinal da cruz, porém os confessorários onde se achavam os penitenciários encarregados de entregar as cédulas de absolvição foram logo cercados sobretudo por aqueles que desejavam cometer impunemente, aos olhos do céu e da sua consciência, desde o simples pecado venial até as monstruosidades que fazem tremer a natureza...

Era espantoso o ardor com que aquela gente corria em busca da impunidade!

—Justo Deus! como os teus vigários ordenam, e exploram semelhante tráfico!

Vêde a consciência humana revolvida até aos seus fundamentos, perdendo até o discernimento do crime e da virtude! a moral eterna pervertida, sufocada pe-

las superstições sacrílegas! os homens impelidos para males de toda a espécie, pela certeza da impunidade, e convencidos de te terem, Deus de equidade, por cúmplices nos seus crimes! algumas almas, até agora inocentes, já não recuam diante do desejo de saciarem essas paixões abomináveis de que só a lembrança é um crime!

O papa de Roma não absolve porventura por toda a eternidade, em troca de alguns escudos, o parricídio e o incesto?...

Oh! pelo menos, e para honra desse sentimento religioso, dom divino, seja qual for o seu dogma, alguns sacerdotes católicos, de princípios austeros, apesar da sua intolerância, têm, nestes tempos malditos, repudiado com indignação essas idolatrias monstruosas, desconhecidas do paganismo antigo e do fetichismo mais selvagem!

Não, não, Cristo, o teu celeste Evangelho foi, e é será a condenação tremenda desses horrores cometidos em teu nome!... Esses penitenciários que ocupam os confessorários bronzados com as armas pontificais, blasfemam o teu santo nome; esses novos mercadores do templo ousam vender a preço de dinheiro, cartas de salvação!... Ai de mim!

Depois de algumas palavras trocadas com frei Girardo, Hervé foi um dos primeiros a ajoelhar a um dos confessorários, junto do qual se demorou pouco tempo; porém as pessoas que se achavam próximas ouviram o penitenciário soltar uma exclamação de espanto, depois, em seguida a um silêncio bastante longo, entrecortado pelos soluços sufocados do penitente, o tinar do oiro que ele contava ao padre que estava sentado ao fundo do confessorário, anunciou o fim da conversa absolutória, e pouco tempo depois via-se sair Hervé do tribunal da penitência com um pergaminho que segurava com a mão trémula; depois abrindo caminho através da multidão compacta, sempre acompanhado de Girardo, retirou-se para uma das capelas laterais da nave, e ajoelhou diante de uma estátua da Virgem Maria alumada com a lâmpada daquele san-

tudário, Hervé leu a carta de absolvição que acabava de comprar com o dinheiro roubado a seu pai.

A carta era concebida nestes termos:

«Que Nosso Senhor Jesus Cristo tenha piedade de ti (o nome estava em branco e devia ser preenchido pelo possuidor da carta), que te absolve pelos méritos da tua Santíssima Paixão! E eu em virtude do poder apostólico que me foi confiado, absolve-te de todas as censuras eclesásticas, julgamentos que pudesses merecer; além disso, de todos os excessos, pecados e crimes que tenhas cometido, por maiores e enormes que sejam e seja qual for a causa, ainda mesmo que fossem reservados ao nosso santo padre o papa, tais como a bestialidade, o pecado contra a natureza, o parricídio e o incesto. Desvaneco todos os vestígios de inabilidade, todas as notas de infâmia que tivesses podido atrair em tais ocasiões; libertar-te-ás das penas que podesses sofrer no purgatório, faço-te de novo participante dos sacramentos da Igreja; incorporo-te na comunhão dos santos; estabeleço-te na inocência e pureza em que estavas na hora do teu baptismo, de sorte que no momento da tua morte a porta pela qual se entra no recinto dos tormentos e das penas, se-te há fechada, e ao contrário a porta que leva ao paraíso se-te há aberta, e ainda que não tenhas demorrido tão cedo, esta graça ficará inalterável por todos os tempos até ao fim dos teus dias.

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amen!

«Frei João Tezel, comissário apostólico assinou pela sua própria mão.»

Hervé, sempre ajoelhado, interrompeu muitas vezes a leitura de esta carta com exclamações arrojantes; a absolvição de que achava possuidor estendia-se ao passado, ao presente e ao futuro... Esta cédula não tinha data, e, conforme frei Girardo tinha observado ao comprador, cobria com a sua apostólica eficácia, todos os pecados e todos os crimes que o seu

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venereas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usem:

remédio alemão duma eficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar estas doenças.

Cada bistraga com as instruções de usar custa em Lisboa, 7400, e com caixinha de alumínio, Esc. 850. Para a provincia mais 1400 de despesa. Envia-se a cobrança pelo correio. FARMACIA EUNHA Rua da Escola Politécnica, 16 e 18, LISBOA—Telefone Norte 4006.

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,

louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras,

—guarnições para móveis—

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

14, R. DO IMPERIO, 86—LISBOA—TELEFONE 3930, N.º 1 gramas, FERRAGENS

MÓVEIS

COMPRAM E VENDEM

NOVOS E USADOS

José Epifânio Real & Filho

31, RUA DO NORTE, 33—LISBOA

CAMARADAS!

Organizei a frente única contra os parasitas! Deveis todos, a partir do dia 1 de Janeiro, procurar nas boas drogarias o melhor, o mais económico e higiénico dos produtos para a limpeza da cabeça e exterminio de todos os parasitas—O Parasitocida Atila.

Guerra aos chapéus concertados

Chapéus para homem a 20\$00

Mais de 1000 chapéus de variados formatos e cores, acabados de receber para vender ao público por conta do fabricante

OCAÇÃO ÚNICA!

Do Remazem de Chapéus e Lanfícios

R. dos Fanqueiros, 400-1.º

(junto à Rua da Palma)

Menstruação

UTERIN do DR. R. WOLFF, de Berlim

É um medicamento sem rival, visto a sua infalibilidade na amenorreia, isto é, na falta, supressão ou irregularidade da menstruação, bem como na Dismenorreia, menstruação difícil que sempre vem acompanhada de náuseas e de cólicas uterinas tão fortes, que obrigam a recolher à cama durante 24 horas.

O uso deste preparado sobreleva tudo quanto, até hoje, tem aparecido em virtude dos seus efeitos rápidos e certos.

Os incómodos próprios da falta de menstruação, como: dor de cabeça, vertigens, zumbidos nos ouvidos, sonolência, dores nos rins, etc., desaparecem passado pouco tempo com o uso deste maravilhoso remédio, de composição inteiramente vegetal.

Tomar na devida atenção o prospecto que acompanha cada exemplar, no qual está indicada a forma de usar.

Preço:—Escudos 15500; pelo correio, escudos 16500.

A venda no agente e depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva, 183, rua da Madalena, 190, e na Farmácia Portugal, rua Augusta, 218, e no Pôrto, Farmácia Central, de Salgado Lencart, rua de 31 de Janeiro, 203.

Calçado barato

Modelos chics

Sapatos para senhora desde 55\$00

Camurça a... 75\$00

A' inglesa a... 75\$00

Só vende a Sapataria Camoucana

Rua Conde Redondo, 1-A, 1-B

Brevemente grande saldo a preços da fábrica

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

«Deixei-me dizer mais duas palavras, meus queridos irmãos! Vedes aqueles confessorários ornamentados com as armas do nosso santo padre? Os sacerdotes que ali vos vão ouvir de confissão representam os penitenciários apostólicos de Roma em dia de grande jubileu; aqueles que quiserem tomar parte nas três principais indulgências entram nesses confessorários e dão conscienciosamente ao penitenciário qual é a maior quantia de que se podem privar para obter as concessões seguintes:

«A primeira consiste na revisão absoluta de todos os pecados passados, presentes e futuros.

«A segunda é a participação em todas as obras e merecimentos da santa Igreja católica, apostólica e romana, tais como jejuns, orações, peregrinações e macerações de toda a espécie.

«A terceira... prestat bem atenção, meus queridos irmãos, o que resta depois da escolha dos outros é o melhor! como diz o provérbio... esta indulgência excede tudo quanto podem esperar os mais fiéis crentes!...

—Escuta, disse em voz baixa frei Girardo a Hervé, escuta... e arrepende-te de teres duvidado dos recursos que pode proporcionar a fé.

—Oh! já não duvido, e portanto ouso apenas esperar... murmurou com voz ofegante o filho de Cristiano, enquanto o dominicano exclamava:

«A terceira mercê, meus queridos irmãos, dá-vos o direito de escolher um confessor que, todas as vezes que recees morrer, será obrigado, em virtude da carta de absolvição que teres pago e recebido, e da qual deves dar-lhe conhecimento, terá a restrita obrigação de vos conceder a absolvição, não somente dos pecados que houverdes cometido, mas também dos maiores crimes, dos quais a remissão está reservada à sede apostólica, a saber, o que se chama casos reservados: a bestialidade, o pecado contra a natureza, o parricídio e o incesto...

Apenas o dominicano acabou de pronunciar esta última palavra, as feições de Hervé tomaram um aspecto medonho: os seus olhos scintilavam, e um sorriso de condenado franziu-lhe os lábios, quando frei Girardo, enclinando-se para o seu ouvido, lhe disse:

«Acaso enganei-te? Ele até absolve os incestuosos.

«Finalmente, meus irmãos—acrescentou o comissário apostólico—a quarta mercê consiste em livrar as almas do purgatório. Para aquele favor, meus irmãos, não é necessário, como para os três primeiros, ter a contrição no coração e confessar-se; não, para isso basta somente deitar na caixa a vossa oferta... Dêdes modo arrancareis aos suplicios as almas dos mortos! Com a vossa oferta concorrereis para a obra santa da reconstrução da basílica de São Pedro de Roma... Por tanto, meus irmãos—acrescentou ele batendo de novo com toda a força na caixa,—trazei o vosso dinheiro! trazei os vossos ducados! trazei!...

Depois desta última exortação, as grades do côro abriram-se, e aqueles que, em pequeno número, desejavam caridosamente livrar algumas almas das penas do purgatório, começaram a desfilar diante do cofre, dentro do qual deitavam as suas ofertas depois de fazerem o sinal da cruz, porém os confessorários onde se achavam os penitenciários encarregados de entregar as cédulas de absolvição foram logo cercados sobretudo por aqueles que desejavam cometer impunemente, aos olhos do céu e da sua consciência, desde o simples pecado venial até as monstruosidades que fazem tremer a natureza...

Era espantoso o ardor com que aquela gente corria em busca da impunidade!

—Justo Deus! como os teus vigários ordenam, e exploram semelhante tráfico!

Vêde a consciência humana revolvida até aos seus fundamentos, perdendo até o discernimento do crime e da virtude! a moral eterna pervertida, sufocada pe-

las superstições sacrílegas! os homens impelidos para males de toda a espécie, pela certeza da impunidade, e convencidos de te terem, Deus de equidade, por cúmplices nos seus crimes! algumas almas, até agora inocentes, já não recuam diante do desejo de saciarem essas paixões abomináveis de que só a lembrança é um crime!

O papa de Roma não absolve porventura por toda a eternidade, em troca de alguns escudos, o parricídio e o incesto?...

Oh! pelo menos, e para honra desse sentimento religioso, dom divino, seja qual for o seu dogma, alguns sacerdotes católicos, de princípios austeros, apesar da sua intolerância, têm, nestes tempos malditos, repudiado com indignação essas idolatrias monstruosas, desconhecidas do paganismo antigo e do fetichismo mais selvagem!

Não, não, Cristo, o teu celeste Evangelho foi, e é será a condenação tremenda desses horrores cometidos em teu nome!... Esses penitenciários que ocupam os confessorários bronzados com as armas pontificais, blasfemam o teu santo nome; esses novos mercadores do templo ousam vender a preço de dinheiro, cartas de salvação!... Ai de mim!

Depois de algumas palavras trocadas com frei Girardo, Hervé foi um dos primeiros a ajoelhar a um dos confessorários, junto do qual se demorou pouco tempo; porém as pessoas que se achavam próximas ouviram o penitenciário soltar uma exclamação de espanto, depois, em seguida a um silêncio bastante longo, entrecortado pelos soluços sufocados do penitente, o tinar do oiro que ele contava ao padre que estava sentado ao fundo do confessorário, anunciou o fim da conversa absolutória, e pouco tempo depois via-se sair Hervé do tribunal da penitência com um pergaminho que segurava com a mão trémula; depois abrindo caminho através da multidão compacta, sempre acompanhado de Girardo, retirou-se para uma das capelas laterais da nave, e ajoelhou diante de uma estátua da Virgem Maria alumada com a lâmpada daquele san-

tudário, Hervé leu a carta de absolvição que acabava de comprar com o dinheiro roubado a seu pai.

A carta era concebida nestes termos:

«Que Nosso Senhor Jesus Cristo tenha piedade de ti (o nome estava em branco e devia ser preenchido pelo possuidor da carta), que te absolve pelos méritos da tua Santíssima Paixão! E eu em virtude do poder apostólico que me foi confiado, absolve-te de todas as censuras eclesásticas, julgamentos que pudesses merecer; além disso, de todos os excessos, pecados e crimes que tenhas cometido, por maiores e enormes que sejam e seja qual for a causa, ainda mesmo que fossem reservados ao nosso santo padre o papa, tais como a bestialidade, o pecado contra a natureza, o parricídio e o incesto. Desvaneco todos os vestígios de inabilidade, todas as notas de infâmia que tivesses podido atrair em tais ocasiões; libertar-te-ás das penas que podesses sofrer no purgatório, faço-te de novo participante dos sacramentos da Igreja; incorporo-te na comunhão dos santos; estabeleço-te na inocência e pureza em que estavas na hora do teu baptismo, de sorte que no momento da tua morte a porta pela qual se entra no recinto dos tormentos e das penas, se-te há fechada, e ao contrário a porta que leva ao paraíso se-te há aberta, e ainda que não tenhas demorrido tão cedo, esta graça ficará inalterável por todos os tempos até ao fim dos teus dias.

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amen!

«Frei João Tezel, comissário apostólico assinou pela sua própria mão.»

Hervé, sempre ajoelhado, interrompeu muitas vezes a leitura de esta carta com exclamações arrojantes; a absolvição de que achava possuidor estendia-se ao passado, ao presente e ao futuro... Esta cédula não tinha data, e, conforme frei Girardo tinha observado ao comprador, cobria com a sua apostólica eficácia, todos os pecados e todos os crimes que o seu

Livraria de A BATALHA

OBRA DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO	Preço
Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00
Alexandre Herouano	
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	20\$00
Cartas (2 volumes).....	20\$00
Adolfo Lima	
Contracto do Trabalho.....	10\$00
Educação e ensino.....	5\$00
Aquino Ribeiro	
Anatole France.....	3\$00
Estrada de São Tiago.....	10\$00
Jordim das Tormentas.....	10\$00
Via Sinuosa.....	10\$00
As Filhas da Babilónia.....	10\$00
Augusto de Sousa.—Fólias perdidas (Fados).....	10\$00
Bento Faria.—Missas novas (teatro em verso).....	1\$00
Binet-Sanglê.—A loucura de Jesus.....	5\$00
Charles Darwin.—Origem das espécies.....	14\$00
Campos Lima	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00
Duarte Lopes	
Frei Sanguê.....	5\$00
Eça de Queiroz	
O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O primo Basílio.....	10\$00
O Mandarim.....	8\$00
Os Mestres (2 vols.).....	28\$00
A Reliquia.....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade Mendes.....	9\$00
Casa Ramires.....	15\$00
Prosas Bárbaras.....	9\$00
Ecos de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Cartas de Inglaterra.....	9\$00
Minas de Salomão.....	9\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00
Últimas páginas.....	15\$00
Ernesto Heekel	
História da Criação.....	20\$00
Origem do Homem.....	5\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00
Moisismo.....	4\$00
Religião e evolução.....	4\$00
Faguet	
Iniciação filosófica.....	5\$00
Iniciação literária.....	10\$00
Faria de Vasconcelos	
Problemas escolares.....	5\$00
Por terras de além mar.....	5\$00
Ferreira de Castro	
Sangue Negro.....	2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$50
F. Castro e E. Frias.—A Boca da Esclava.....	8\$00
Flamarion	
Iniciação astronómica.....	6\$00
Contos de luar.....	5\$00
Como se acabou o mundo?.....	7\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00
Felix le Dantec.—As influências ancestrais.....	10\$00
Ateísmo.....	6\$00
Finlay de Almeida	
Lisboa Galante.....	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00
Figuras de destaque.....	9\$00
Actores e Autores.....	9\$00
Contos.....	9\$00
A Esquina.....	9\$00
Avés Migradoras.....	9\$00
Barbear, Pentear.....	9\$00
Cidade do Vício.....	9\$00
Pasquinadas.....	10\$00
Paes das Uvas.....	9\$00
Sabem quantos.....	9\$00
Vida errante.....	9\$00
Vida irónica.....	9\$00
Guerra Junqueiro	
A morte de D. João.....	10\$00
Musa em férias.....	9\$00
Os Simples.....	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14\$00
Brochado.....	10\$00
Gorki	
Os Degenerados.....	5\$00
Os vagabundos.....	5\$00
Na Prisão.....	2\$50
Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro).....	5\$00
Jorge Teixeira.—Calunos de Lusa Branca.—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Julião Quintinha	
Vinhos do Mar.....	8\$00
Cavalgada do Sonho.....	8\$00

